

Façam o jogo. E lá se vai a grana

Plataforma da Rodoviária vira um verdadeiro cassino a céu aberto

A proliferação dos camelôs na plataforma superior da Rodoviária, que atraiu os pedestres à rua e tomou conta de toda a extensão entre o CNB e o Conic, mais do que desagradar aos lojistas e poluir visualmente o centro da cidade, tem servido para a formação de uma pequena "quadilha" de espertalhões, dedicados à tarefa de conseguir dinheiro às custas dos inocentes e dois "otários".

A tela montada para aprisionar as vítimas em potencial inclui todos os elementos necessários, até mesmo um cômico disfarçado dos promotores de jogos de adivinhação com cartas de baralho ou bolinha de borracha, manipuladas sob tampas de metal. O inocente, que recebe diversos apelidos mas tem destino certo e inevitável, pode até vencer as primeiras disputas,

mas quase sempre acaba sem um tostão — sequer o dinheiro para a passagem de ônibus.

As autoridades policiais têm conhecimento da rede armada na plataforma da Rodoviária, conhece os principais "banqueiros" e até faz prisões. Relaxadas, graças às incongruências do sistema judicial, mediante o pagamento da modesta e ridícula fiança de Cz\$ 10. O jogo não é crime, só contravenção, e por isso segue arrancando dinheiro de muita gente.

O repórter João Paulo Barbosa, da Editorial de Cidade, esteve durante dois dias convivendo com os promotores das "bocas de cassino" e pôde constatar que há pessoas que acabam deixando por lá o dinheiro reservado para o aluguel, para pagar remédios ou até para fazer a feira do mês. Eis o seu relato:

Faturamento diário é de 50 mil

Nó "gira a bolinha, tira a bolinha, bota a bolinha, na branca perde, na preta ganha", os párias da sociedade estão encontrando meios de ganhar até Cz\$ 50 mil por dia, mantendo equipe e pagando Cz\$ 5 mil por pessoa, mas ficando, naturalmente, com a maior fatia do bolo. É a praga dos jogos de adivinhação com cartas de baralho e bolinhas de borracha, manipuladas sob tampas de metal. O que vale é a habilidade e rapidez do "boca de cassino" (banqueiro), contra a ingenuidade e ambição dos que apostam. Numa fiação de segundos, a bola desaparece de sob a forminha e, com ela, vai-se o salário de um pai de família que sonhou em ficar rico — ou, pelo menos, ganhar uma boa bolada.

O que não falta na cidade são "otários", "coelhos", "gatos" e "cavalos", apelidos dados pelos próprios exploradores às suas vítimas. Em torno deles, desempregados, desocupados, ex-presidiários e até policiais aposentados fazem a festa em toscos caixotes de papelão pelas calçadas que se estendem do Conjunto Nacional ao Setor Comercial Sul, passando pelo Conic, na Plataforma Superior da Rodoviária.

Otário com dinheiro é malandro perturbado. Esta é a filosofia dos que vivem da exploração do jogo. Pode ganhar até uma ou duas "paradas", com a ajuda de um cúmplice do banqueiro, chamado de "agá". Ganhando, tem que continuar no jogo até que não lhe reste nada no bolso. A polícia sabe de tudo, conhece nomes e faz prisões. Em vão. Com fiança de Cz\$ 10, o banqueiro está de volta às ruas, solto. A Justiça não condena ninguém. É mais questão social que ilícito penal. Jogo é contravenção e há casos mais graves a se tratar. Os processos prescrevem sem julgamento.

BOCAS DE CASSINO

Tampinha, boca de cassino, empresa, banqueiro,

tudo serve para identificar os responsáveis pelos jogos feitos pelas calçadas. Antena e agá são seus fiéis auxiliares. O antena avisa sobre a chegada da polícia e, neste caso, basta guardar o material no bolso e suspender a caixa. O agá sempre trabalha em equipe e finge ser um simples jogador. Faz apostas, discute com o banqueiro, exige pagamento quando acerta, dialoga com o boca de cassino sobre as regras do jogo. Faz-se de ingênuo mas é capaz de apontar a localização da bolinha ou a carta preta para quem está na roda.

O banqueiro finge-se de distraído e o agá sugere a aposta. Manda o gato ou coelho casar Cz\$ 500. Bota o dedo em cima da forminha que esconde a bola. E para garantir e marcar onde está a fortuna. O apostador é chamado de gato ou coelho porque seus olhos brilham com a possibilidade de ganhar. Chegam a ficar vermelhos de desejo. Confiam no agá, que segura a forminha. Tira seu dedo para meter a mão no bolso e decreta sua sentença.

Com uma simples batida, o banqueiro muda a bolinha de lugar, levanta a forma e ela está vazia. Deu banca e o otário perde e paga. O agá faz duas, três apostas seguidas e consegue vencê-las. O cavalo anima-se e quer tentar novamente. Desta vez, não retira o dedo da forminha, amassada e de bordas curvas. Chega a balançar se a pressão dos dedos for grande. O agá fez a tampinha morder a bola de borracha oca. Fica uma beirada de fora.

Jogo feito, o boca de cassino levanta. No que avisou que iria suspender a tampinha, distraiu o otário e obteve tempo para puxar a bolinha — nem se vê a tampa subir e ela está vazia na mão do banqueiro. Um novo gesto e a bolinha aparece na tampinha do meio. Mas o cliente escolheu a da ponta e perdeu. Prestidigitador ou contravenção?

O gato fica inconformado com o dinheiro perdido, re-

servado para pagar a prestação de um equipamento de som. Acha que foi azar, mas pobre não deve se meter em certas coisas. Dizer desaforos e mostrar valentia já não adiantam. Ninguém se incomoda com isso porque uns trabalham na banca, enquanto outros estão ali apenas para presenciar a desgraça alheia. Um agá, com texto decorado, afasta-o da roda dizendo estar cheia de "gente perigosa". Entre eles, nunca há nomes, mas os banqueiros são Ruço, Pivô, Pivô Baleado, Charles Chaplin, Nêgo Chorão, Elefante, John, Quarentinha, Guedes e Barba.

Todos estão sempre viajando por capitais como Rio, São Paulo, Goiânia, Recife ou Porto Alegre. Em qualquer lugar onde haja movimento, feiras, festivais, exposições ou festas religiosas são sinônimos de bom negócio. É só chegar, armar o jogo e "se dar bem". A polícia não incomoda, porque o jogo não é crime, só contravenção, e dá direito a fiança. Alguns delegados pensam em atuar por estelionato. "Auferrir vantagem ilícita induzindo alguém ao erro", é o que diz o texto do Código Penal. A Justiça não aceita e o delegado se arrisca a ser processado por abuso de autoridade.

O perigo para as empresas é a atuação por vadiagem, conforme pretende fazer o assistente da Delegacia de Costumes, delegado Onofre Moraes. Para vadiagem não há fiança e, por isso, cinco já foram para o presidio. E bem pouco diante do número de banqueiros fidos — mais de 40. O delegado tem os nomes, entre outros, Nilson Cordeiro Araújo, Francisco Pereira Filho, Antonio Alves de Souza, Edivan Marques Souza, José Reginaldo Costa, Júlio Cesar Ferreira de Souza, Severino Pedro Filho e Durval Santana. Uns estão em Brasília, outros viajando. Júlio Cesar tem uma bala no corpo e ganhou o apelido de Pivô Baleado, autor de um homicídio.

Cúmplice garante lucro da banca

Quem pára interessado nos jogos, seja o de cartas, de tampinhas ou o do into que ninguém consegue prender com a caneta, é uma vítima em potencial. Recebe convites amistosos para participar das apostas, é provocado com insinuações sobre estar sem dinheiro ou ser crente. "A Bíblia não deixa os crentes jogarem", dizem os agás. Uma mulher se insinua, estimulando o otário a tentar a sorte. Se ganhar terá que gastar com ela, aliás mais uma parceira do dono da banca.

Mas o apostador não sabe disso. Outras mulheres se aproximam. São trabalhadoras, honestas, apenas querem se divertir. Viram uma mulher na roda e resolveram chegar perto. Estão sem dinheiro. Duas delas, Marly e Joelma, afirmam que a lanchonete em que trabalham está em reforma. O patrão lhes paga salário mínimo e o que vale mesmo são as gorjetas, que fazem a renda mensal dobrar. Pretendem até pedir um vale ao patrão, que está acompanhando as obras, só para também jogarem.

João Batista Vigilato é gari do SLU. Mora em Planaltina e já teve mulher que lhe deu quatro filhos, todos criados. Paga aluguel por uma vaga e tem salário de Cz\$ 18 mil. Chega na banca e aposta nas cartas contra o banqueiro, que vira e desvira o baralho com a rapidez de um raio. São três cartas trocadas de lugar em movimentos difíceis de se acompanhar com os olhos.

Se der branca, perde, mas ganha com a vermelha. Vigilato viu a vermelha cair e o agá aponta a beirada amassada, que a identifica. O freguês marca a carta que escolheu e mete a mão no bolso. O banqueiro vira a carta e Vigilato perdeu. Nova tentativa, seguida de outras. O aluguel tem que ser pago, mas ele já perdeu cinco rodadas. Foram Cz\$ 4 mil 500 rapidamente. Otário, não entende como o agá acertava sempre e imagina ter sido roubado.

Mas o que está feito, está feito.

Paulo André trabalha para o banqueiro conhecido como Charles Chaplin. Po-

dia aprender o truque da bolinha ou das cartas e deixar de ser um mero antena. Uma das suas funções é vigiar a eventual chegada de um camburão. Charles tem a mão firme e não ensina a ninguém. Paulo, aos 25 anos, tem mãos trêmulas, resultado do consumo de álcool e tóxicos ainda menino, no Gama, onde nasceu.

Já cumpriu pena de cinco anos por homicídio, diz que não é valente mas manda um aviso aos "vagabundos" e colegas de outras capitais: "Podem se chegar, mas tem que ficar na deles e respeitar o pessoal da terra. Afinal, Brasília é capital do País e tem que comandar os outros Estados", diz Paulo André, falando alto e batendo palmas quando vê uma viatura policial aproximar-se. Rápido, avisa ao patrão e aos que estão em torno deles.

— Sujou geral!

Na linguagem própria dos párias, quando alguém é preso diz-se que ele "vai curtir um molho na Costumes". Mas isto dura apenas o tempo de ser autuado. Depois, é liberado sob fiança. Na 1ª DP, o delega-

do Francisco Feitosa costuma receber presos também e diz ser inútil, pois não pode retê-los por muito tempo.

Agora, uma nova modalidade surge entre os que promovem jogos pelas calçadas da plataforma da Rodoviária. A da coação física contra os eventuais ganhadores. Os apostadores formam até "patotas" para impedir que o banqueiro fraude o jogo. Mas o grupo dos contraventores é mais poderoso, usa armas brancas e quem consegue ganhar acaba assaltado.

O delegado Laudemiro Correia de Freitas, do Posto Policial da Rodoviária, tem o mesmo problema. A jurisdição não é sua, mas ele atende a todos que aparecem com queixa.

Laudemiro tem um álbum com fotos dos contraventores das tampinhas, mas elas são antigas ou tiradas fora do padrão, não permitindo boa identificação. Há também os tranqueiros, que vendem trancas para carros mas ficam com cópias das chaves, para roubá-las em seguida.

CNB quer tirar camelôs

Uma comissão representando cerca de 240 lojistas e empresários do Conjunto Nacional reivindicou ontem a retirada imediata dos camelôs que ocupam a passarela entre o Shopping e o Setor de Diversões Sul. Os comerciantes apresentaram ao secretário de Viação e Obras, Carlos Magalhães, um dossiê e um vídeo onde mostram que a presença dos ambulantes causa perigo aos transeuntes, aumenta a sujeira do local e traz problemas como a presença de tóxicos, jogo, prostituição infantil e venda de mercadoria contrabandeada.

José Pires, um dos membros da comissão, explica que a situação da passarela, por onde transita diariamente parte das 70 mil pessoas que vão ao Conjunto Nacional, alcançou um nível insustentável na época das festas de final de ano. A

Secretaria de Viação e Obras retirou as barracas, mas os camelôs voltaram alguns meses depois e desde abril, sua presença tem incomodado frequentadores e a população fixa do CNB, estimada em seis mil pessoas.

IRREGULARES

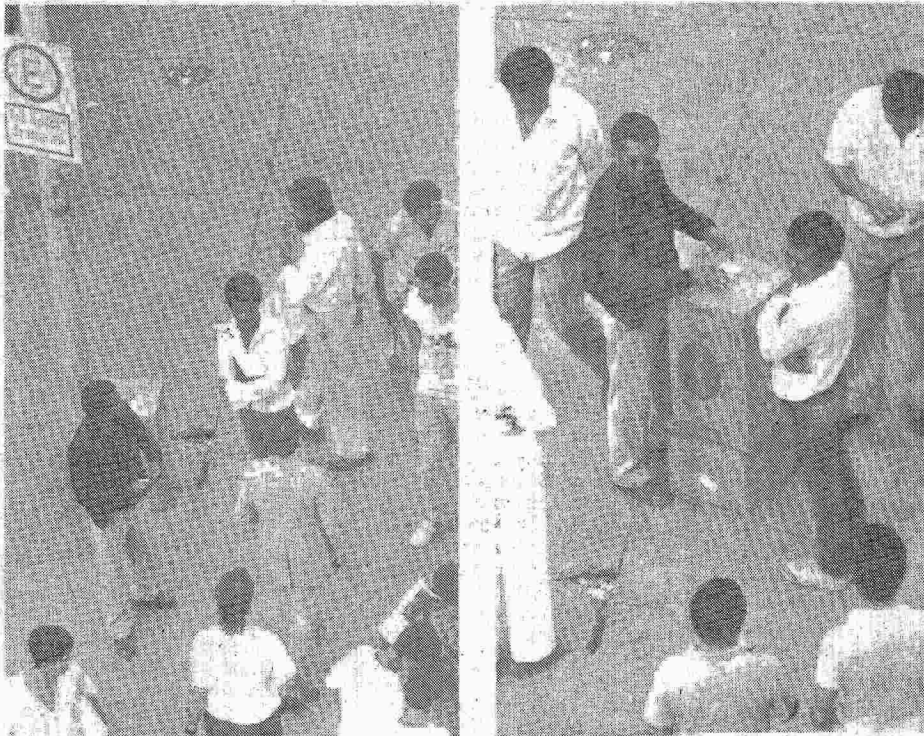
O documento apresentado ao secretário Carlos Magalhães mostra, em primeiro lugar, que os ambulantes estão em situação irregular, lesando o patrimônio público e dificultando o fluxo de pessoas, que têm às vezes de transitar no asfalto, sujeitando-se a acidentes. A violência no local, segundo os dados apresentados, é crescente e se junta ao consumo de tóxicos, aos casos de prostituição infantil e jogo, além da venda de contrabando.

OS CINCO LANCES DA TRAPAÇA

EUGENIO NOVAES

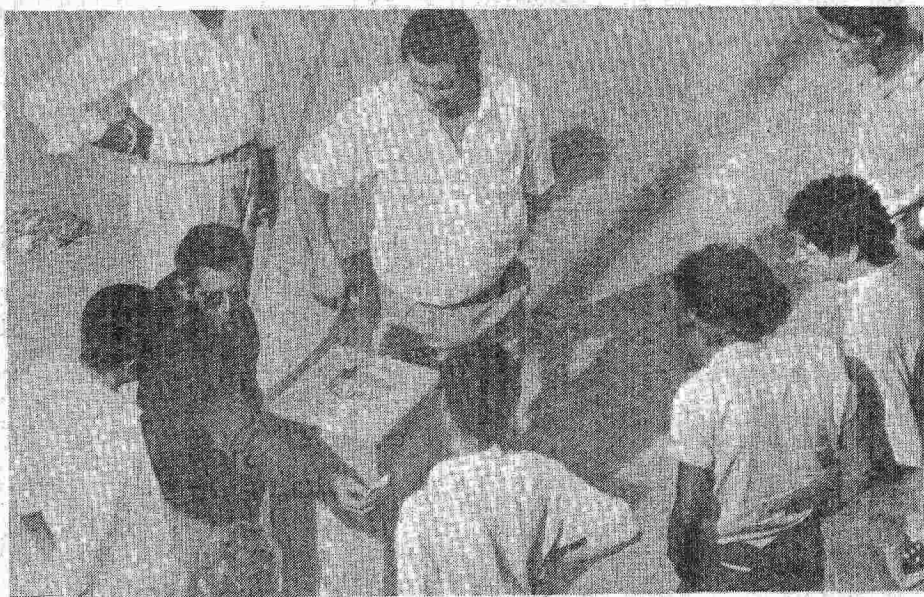


1 O "banqueiro" — geralmente vestido com roupa simples — espera a hora certa de atacar. Disperso na multidão, mas já combinado com seus "agás" (auxiliar que chama para o jogo), prepara-se para mais uma rodada de um jogo de cartas ou esconde-bola. Duas brincadeiras que tiram muito de quem já tem pouco.



2 A cena já está arrumada. O "agá" chama a participação populares que acompanham curiosos o jogo de palavras do "banqueiro". Promete-se ganho fácil em troca de esperteza. Tudo é muito simples: quem arrisca Cz\$ 1 mil pode levar até Cz\$ 2 mil ou dobrar a aposta com qualquer cacife. No final, quase sempre, quem leva é o contraventor.

3 Façam suas apostas. O jogo está iniciando. Com frases fáceis e rápidas, o banqueiro demonstra agilidade no trocar cartas. A primeira vista, o jogo não apresenta dificuldades. Os "agás" dão confiança ao apostador. As cartas podem estar marcadas, aumentando a autoafirmação de quem precisa de dinheiro e resolve arriscar.



4 Uma tática utilizada com maestria: chamar o apostador para o jogo, oferecendo-lhe à mão as cartas que poderão lhe render boa quantia. Funciona e é mais uma cena para fortalecer a vontade de arriscar. Mas é como o alimento oferecido a um pássaro pelo caçador. Apenas uma isca para o tiro fatal.



5 Algumas mulheres, que se dizem "honestas e trabalhadoras", aproximam-se da banca e até insinuam que, se o otário ganhar, deverá gastar o dinheiro com elas. Mas o gato perde, para variar. Quem acompanha a trapaça acha graça e faz gozações. O banqueiro tenta convencer o apostador a arriscar a sorte novamente. Os "agás" o ajudam nesta tarefa, disfarçando amizade e solidariedade. Ao final, a mesma triste cena que se repete todos os dias, inúmeras vezes, no pequeno "cassino" montado sobre a Rodoviária: alguém que sonhou em duplicar seu modesto capital acaba deixando sobre os caixotes tudo o que tinha.